

SÉRIE RÁDIO LIDO

PROGRAMA: “No tempo de Almirante ”

Texto e pesquisa base: Adriana

Finalização: Saroldi

Em 9/07/2009

>>PREFIXO (Termina com música saindo em BG)

NARRADOR – Antes de entrar no nosso tema de hoje, gostaria de saber se vocês já ouviram falar do feito do Jaú?

VOZ 1 – Jaú? É algum jogador de futebol? Do tempo em que Dondinho jogava no Andaraí?

NARRADOR – Não senhora.

VOZ 2 – Aposto que é um cantor dos velhos tempos. Talvez metade de uma dupla caipira, como Jaú & Damasceno.

NARRADOR – Continuam frios, gelados.

VOZ 1 – Espere!... Jaú não é o nome de uma cidade paulista?

NARRADOR – Começou a esquentar. (EXPLICATIVO) –Em Jaú nasceu o aviador brasileiro Ribeiro de Barros. Ele resolveu homenagear sua cidade batizando com esse nome o hidroavião com que fez a primeira travessia aérea, sem escalas, da Itália, ao Brasil, partindo de Gênova. // A recepção festiva dos brasileiros aos heróicos tripulantes do Jaú mobilizou os cariocas em janeiro de 1927.

VOZ 1 – E o que esse fato tem a ver com o programa de hoje?

NARRADOR – Tudo. Porque nessa manhã da chegada do Jaú ao Brasil, um rapaz de vinte anos prestava o serviço militar na Marinha, e foi escolhido pelo comandante da Reserva Naval para saudar os heróis. E tal foi a elegância com que o aspirante a marinheiro desempenhou a missão que, na mesma manhã...foi promovido a Almirante!

1 E 2 (QUASE JUNTOS) – Não é possível!.. // Como foi isso?!...

NARRADOR – Basta abrir o livro *No Tempo de Almirante*, e ouvir o seu autor.

TEC – EFEITO / ENTRA

LEITOR – “O Tiro Naval representava-se no desfile com três automóveis, sendo o primeiro deles ocupado pelo seu comandante, Mathias da Costa, tendo ao seu lado, empertigado, o orador da turma, Henrique Foréis Domingues. (...) Cabia também ao jovem soldado a ingrata tarefa de tomar conta das flores, que mal davam dentro do

carro. E lá ia Henrique Foréis Domingues, com tal pose na sua altura de um metro e oitenta e um, que uma brincadeira de um assistente do desfile foi o tema principal dos comentários dos seus colegas do Tiro Naval. “

TEC – EFEITO SAI

VOZ 2 – Que brincadeira foi essa ?

NARRADOR – No meio do desfile, um dos espectadores perguntou ao vizinho do lado quem era Mathias da Costa. //– *É o comandante* – foi a resposta. //– *E o outro ?* – voltou a indagar o homem. // O vizinho deu mais uma olhada no marinheiro cheio de pose, e não soltou a piada, bem ao jeito carioca: – *Ora, só pode ser o Almirante...*

TEC – EFEITO / ENTRA

LEITOR–“Daí em diante, seus companheiros passaram a chamá-lo de Almirante, um apelido que viria esconder o seu nome verdadeiro para sempre. (...) Tanto que o incorporou, oficialmente, mas com aspas, ao de Henrique Foréis Domingues. E assim teve firma em cartório. (...) Era apenas um soldado marinheiro da reserva. Mas, no Rádio e na música popular, seria Almirante. Sem aspas e com letra maiúscula.

TEC –FUNDE COM LP ALMIRANTE FX 2 LADO A “Faustina”// até a metade / SAINDO BG

NARRADOR – O choro “*Faustina*”, de autoria de Gadé, foi um dos grandes sucessos de Almirante como cantor, em 1937.

VOZ 1 – Que vozeirão! E que ritmo, hein?...

VOZ 2 – Além de choros e marchas de carnaval, ele também era craque em emboladas, não era?

NARRADOR – No início, muita gente pensava que fosse do nordeste, tal seu talento em cantar cocos e emboladas. Mas tratava-se de um legítimo carioca. Almirante nasceu na rua Álvaro, no subúrbio do Engenho Novo, em 19 de fevereiro de 1908. Nessa época o rádio só existia na cabeça de inventores como Marconi, Hertz ou Lee de Forest. E só chegou ao Brasil em 1922, naquela demonstração na Exposição do Centenário da Independência.

VOZ 1 – Mas até agora não sei quem é o nosso guia no Rádio Lido de hoje.

NARRADOR – É o jornalista Sérgio Cabral, autor de *No Tempo de Almirante*. Ele também escreveu sobre Pixinguinha, Tom Jobim, Elizete Cardoso , Grande Otelo e outros, sem falar no “ABC de Sérgio Cabral”.

VOZ 1 – E de onde vem o contato dele com Almirante?

NARRADOR – Em seu início como repórter, Sérgio Cabral trabalhava no Jornal do Brasil. Um dia teve a idéia de entrevistar Almirante, que então se recuperava de um derrame cerebral que o afastou do rádio. Esse encontro pode ser considerado o germe da futura biografia.

TEC – SONORA – SÉRGIO E A REPORTAGEM/ FITA SOARMEC-SAROLDI / T.

VOZ 2 – Entre os parentes dele tinha alguém ligado em música, ou qualquer outra arte?

NARRADOR – Tudo indica que não. O pai era pequeno negociante, teve um armarinho em Juiz de Fora e mais tarde levou a família para Friburgo, onde se tornou gerente da Fábrica Ypu. Almirante aprendeu a ler e escrever com uma professora particular, em Juiz de Fora; em Friburgo foi matriculado no Colégio Alemão – e ali chegou a ter aulas de violino.

VOZ 1 – De violino? Que chique, hein?

NARRADOR – Mas não foi muito longe no instrumento: o aluno não simpatizou com o professor, que tinha a fama de ser um nobre alemão. Mas em 1919 a família estava de volta ao Rio, instalada em Vila Isabel. Os garotos cursaram outros colégios, até que o pai adoeceu e faleceu em 1923. Aí os rapazes tiveram de trabalhar para sustentar a família, e Almirante foi servir como caixeiro da Casa Cruz.

VOZ 2 – Quantos anos tinha nessa época?

NARRADOR – Apenas 15, e já era um exemplo da exploração do trabalho de menores naquele tempo, como nota Sérgio Cabral no seu livro.

TEC – EFEITO / ENTRA

LEITOR – Almirante (...) trabalhava das sete da manhã às sete da noite, de segunda a sábado, vendendo objetos religiosos, tais como imagens, gravuras, medalhas, e aos domingos, tinha que ir para a loja fazer faxina. Ainda assim, encontrou tempo para aprender noções de contabilidade, num curso noturno de Vila Isabel. (...) Ganhava 90 mil réis por mês.

TEC – EFEITO / SAI

VOZ 2 – Era valente o rapaz, hein?

NARRADOR – Se era! E ainda tinha habilidades manuais, que por volta dos 20 anos lhe rendiam uns trocados. Nas poucas horas vagas montava para os amigos aqueles rádios primitivos – os receptores galena.

VOZ 1 – Mas com esse emprego que lhe tomava o dia inteiro, mais os rádios, e o Tiro Naval com aulas à noite, que horas ele podia ler alguma coisa, completar os estudos?

NARRADOR – Mas Almirante falava e escrevia corretamente sem ter feito, sequer, o segundo grau escolar. Seu desembaraço em relação à língua foi aprendido nos livros de Eça

de Queirós, influenciado por seu pai, que tinha todas as obras do autor de O Primo Bazílio e Os Maias./ O que confirma uma tese do humorista Ziraldo, de que, em certos casos, ler é mais importante do que estudar.

VOZ 2 – Mas, no fundo, será que ele nunca pensou em se formar?

NARRADOR – Numa conversa, por telefone, com o pesquisador Jairo Severiano, Almirante falou de sua atração pela engenharia, mas abandonou logo a idéia, por não ter condições de estudar.// Segundo seu biógrafo, teria dito também: “*Só depois de crescido, lendo e comparando coisas, é que aprendi melhor*”.

TECNICA – EFEITO / ENTRA

LEITOR – Foi o maior nome, de todos os tempos, do Rádio brasileiro, usando apenas de criatividade e de determinação. A maioria das suas produções radiofônicas teve sempre a marca da originalidade. E montou um arquivo com centenas de milhares de peças, sem ter qualquer noção de Arquivologia.

TEC – EFEITO / SAI

NARRADOR – Outra característica de Almirante era a preocupação com a verdade: ele não admitia uma citação errada de título, data ou autoria de uma música. Daí a necessidade de manter um arquivo sempre atualizado.

VOZ 1 – E como era a Vila Isabel da juventude de Almirante?

NARRADOR – Era um bairro alegre, ocupado por uma classe média em ascensão, berço de muitos artistas que venceram no rádio e na música popular. A atração local era o Ponto de Cem Réis, com uma estação de bondes e dois cafés. Em 1928 apareciam por lá Almirante, Noel Rosa, João de Barro, Armando Reis (que se tornaria conhecido como “o compositor Cristóvão de Alencar), e o futuro caricaturista Antonio Nássara. Embora mais velho, o jornalista Orestes Barbosa também ia ao encontro dos jovens, que animavam dois blocos carnavalescos do bairro.

VOZ 2 – Vai ver que no carnaval ele se divertia no pandeiro...

NARRADOR – ...participando, como os demais, do “Bloco do Faz Vergonha”. //E foi graças ao seu talento de instrumentista que um dia à música e ao rádio, através do conjunto “Flor do Tempo”. //A narrativa de Almirante está no livro de Sérgio Cabral.

TEC - EFEITO / ENTRA

LEITOR - Uma noite, Braguinha me convidou para ir à sua casa assistir ao ensaio. Lá fui. (...) o conjunto não tinha ritmo e todo o mal vinha dos encarregados da percussão, especialmente do pandeirista. Aquilo me deu uma aflição desmedida. (...) Por sorte, o pandeirista teve que afastar-se para falar ao telefone e eu, mais do que depressa, apossei-me de seu instrumento e comecei a marcar o ritmo do samba que eles ensaiavam. A modificação, modéstia à parte, foi radical. (...) e me convidaram para ingressar no conjunto Flor do Tempo.”

TEC - EFEITO / SAI

VOZ 2 – Mas esse Flor do Tempo não era um grupo de amadores, quase todos estudantes, “filhinhos de papai”?

NARRADOR – Claro! Mas apesar disso foi conquistando o público pelos teatros e clubes onde se apresentava. Mas logo Almirante e Braguinha perceberam que, para evoluir, precisavam reduzir o número de integrantes e selecionar os mais competentes.

VOZ 2 – E daí nasceu o Bando de Tangarás?

NARRADOR – Além de Almirante e Carlos Braga - o Braguinha -, ficaram apenas os violonistas Henrique Brito e Álvaro Miranda Ribeiro, o Alvinho. Como faltasse um, convidaram para o Bando de Tangarás um moço chamado Noel Rosa.

VOZ 1 – Mais tarde “O poeta da Vila”!...

NARRADOR - O próprio! Noel foi companheiro de Almirante em muitas frentes. Depois da morte dele, Almirante escreveu uma biografia do amigo, primeiro transmitida pelo rádio, depois lançada em livro, e intitulada *No Tempo de Noel Rosa*. // Mas ainda estamos no início da carreira musical de Almirante, que, em 1930, lançaria com o Bando de Tangarás um samba de estrondoso sucesso.// Mas esperem um pouquinho; já vamos chegar lá.

TEC – PASSAGEM / BG

LOCUTORA – Nesta audição de O Rádio Lido estamos apresentando o livro de Sérgio Cabral, *No Tempo de Almirante*. Livros e fonogramas utilizados nesta série podem ser consultados na Biblioteca Tude de Souza, em sua sede na Rádio MEC – praça da República 141 A, Rio de Janeiro.

TEC – PASSAGEM / SAI

NARRADOR – Voltando ao livro de Sérgio Cabral, Almirante vai contar como nasceu o samba *Na Pavuna*.

TEC – EFEITO / ENTRA

LEITOR – “ (...) Foi assim: certo dia, um amigo nosso, violoncelista, de nome Homero Dornelas, chamou-nos – a todos nós, do Bando de Tangarás – para que fôssemos a sua casa em Vila Isabel, para ouvir uma composição sua, a que faltavam (...)os versos da segunda parte e esses foram escritos por mim. O tipo de música prestava-se perfeitamente para pôr em prática um tipo de acompanhamento para o samba que já vínhamos bolando há algum tempo, isto é, o uso de pandeiros, tamborins, cuícas, ganzás, surdos etc que as escolas de samba utilizavam”.

TEC - EFEITO

NARRADOR – E foi com todo esse aparato de percussão que eles chegaram à gravadora Odeon para eternizar o samba NA PAVUNA. Nessa altura Homero Dornelas preferiu usar um pseudônimo, e assinou a parceria com Almirante como Candoca da Anunciação.

TEC – Trecho de NA PAVUNA sobe, vai a BG e morre.

NARRADOR– Sérgio Cabral, na biografia de Almirante, informa que o técnico alemão que conseguiu gravar perfeitamente aqueles instrumentos de percussão chamava-se Roeder. E que o disco teve a ilustre participação da pianista Carolina Cardoso de Menezes.

VOZ 2 – E fez muito sucesso, naturalmente...

NARRADOR – Se fez! As notas iniciais de *Na Pavuna* se tornaram a marca registrada de Almirante em sua carreira de produtor. O samba ainda deu origem a um espetáculo de teatro. E a gravação abriu o mercado de trabalho para os ritmistas, valorizando profissionais como João da Baiana, Alcebíades Barcelos, Armando Marçal e tantos outros.

VOZ 1 – Mas afinal, quando e como Almirante estreou no rádio?

NARRADOR – O sucesso de Na Pavuna, e outras gravações do grupo, levou o Bando de Tangarás ao Programa Casé, grande atração da Rádio Philips a partir de fevereiro de 1932. Ademar Casé tinha sido o maior vendedor de aparelhos de rádio da marca Philips, e em seguida se consagrou como produtor do programa que ficou no ar de 1932 a 1951, quase 20 anos de popularidade, audiência e apoio da crítica.// E à sombra de Casé, Almirante fez o seu mestrado em rádio.

TEC – EFEITO/ ENTRA

LEITOR – “Ele fazia de tudo – confirmou Ademar Casé. Cuidava da parte artística e do orçamento, pois, com o tempo passou a ser também o meu guarda-livros. Quando o programa Casé cresceu para 12 horas aos domingos, eu tinha que me desdobrar para arranjar anúncios. O Almirante é que respondia pelo front interno, controlando tudo. Controlando tudo, em termos, porque Noel Rosa, Sílvio Caldas e o pianista Nonô eram incontrolláveis.”(página 99).

TEC – EFEITO / SAI

VOZ 1 – Nossa! Quer dizer que ele cantava, controlava o orçamento e ainda organizava o pessoal...

NARRADOR - E mais: em 34 Almirante começou a produzir um concurso de palavras cruzadas. Daí em diante não parou. Certo dia, na ausência do patrão, um anunciante quis cancelar o patrocínio. Motivo alegado: o programa estava sem imaginação, faltava alguma coisa nova.

VOZ 2 – E o que fez Almirante? Perdeu o patrocinador?

NARRADOR –Almirante prometeu criar algo inédito no próximo domingo. E se o cliente não gostasse, não precisaria pagar o patrocínio.

TEC - Efeito

LEITOR – “ele apresentava, pela primeira vez no Rádio do Brasil, um programa produzido, com texto, músicas encaixadas, participação de cantores, instrumentistas, atores, tudo isso em 15 minutos e com o nome de “Curiosidades Musicais”. O tema do programa era “duas notas mágicas”, ou seja, Almirante demonstrava tudo que poderia ser feito utilizando apenas duas notas musicais. Na segunda-feira tratou de visitar o anunciante e foi recebido com muitos elogios: “Isso é que é rádio!” – e aumentou tempos depois, a sua participação para 30 minutos no “Programa Casé” .

TEC - Efeito

NARRADOR – Dali Almirante foi chamado pela Rádio Transmissora, onde cantou, cuidou da discoteca e da programação. E em 1938 foi para a Rádio Nacional, então de propriedade do jornal A Noite. Embora contratado como cantor, trabalhou como produtor e apresentador de programas. // E ainda fez sucesso no carnaval de 38, com uma marchinha de João de Barro e Alberto Ribeiro...

TEC - “TOURADAS EM MADRID” // SAINDO NO MEIO (40”) / BG SAINDO

VOZ 2 – Mas voltando ao Almirante produtor, que programas ele levou para a Nacional?

NARRADOR – Almirante relançou a série “Curiosidades Musicais”, com novos “ganchos” temáticos em cada programa. Ele sozinho narrava, contava anedotas, imitava diversas vozes. E cantava, sempre que preciso. Era um novo modelo de programa de rádio – o programa *montado*. O “Curiosidades Musicais” de 4 de julho foi retransmitido em rede, e pelas Rádio Clube de Pernambuco, Rádio Sociedade da Bahia, e em ondas curtas pela Rádio Difusora de Porto Alegre...

VOZ 1 – Nossa! De norte a sul do Brasil!

NARRADOR – Em agosto lançou outra novidade absoluta: o programa de auditório *Caixa de Perguntas*, com prêmios em dinheiro às pessoas que acertassem as respostas. Foi nessa época que Almirante começou a receber cartas de todo o Brasil. Que chegaram a quase 10.000 por mês! Só isso daria para consagrá-lo como “a maior patente do rádio”.

VOZ 2 – Quem deu esse título a ele não foi o César Ladeira?

NARRADOR – Almirante nunca trabalhou na rádio Mayrink Veiga. Mas em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, não soube dizer quem teria sido o autor da frase. No entanto, Sérgio Cabral cita em seu livro as palavras com que o artista foi apresentado ao público em sua estréia na Rádio Nacional, em 7 de abril de 1938, pelo então diretor da emissora, locutor Oduvaldo Cozzi.

TEC – EFEITO / ENTRA

LEITOR: “Naquele programa inaugural, foi pequena a participação de Cozzi. Depois que a orquestra tocou a primeira parte de “Na Pavuna”, ele leu os comerciais e fez a apresentação: //– *Caros ouvintes, aqui temos diante do nosso microfone, Almirante, a*

maior patente do nosso Rádio, o novo artista da Nacional. Almirante vai contar a vocês as passagens mais interessantes da sua vida artística. Tem a palavra Almirante.

TEC – EFEITO / SAI

Voz 1 - Grande Oduvaldo Cozzi, hein!

NARRADOR – Além do Cozzi, Almirante encontrou na Nacional companheiros com quem podia dialogar. Já conhecia do Programa Casé o então discotecário Haroldo Barbosa; na Transmissora fora colega do maestro Radamés Gnattali; e se deu muito bem com um produtor chamado José Mauro, de apenas vinte e três anos. A esse grupo se viria juntar o cantor Paulo Tapajós, formando um núcleo que entenderia as propostas culturais do Estado Novo, valorizando expressões regionais, recuperando tradições e costumes brasileiros.

VOZ 1 – E que programas saíram daí?

NARRADOR – *Instantâneos Sonoros do Brasil* foi o início da parceria Almirante e José Mauro, com arranjos de Radamés. *Canção Antiga* foi outro, recuperando raridades da nossa música em novas versões. E não demorou para Almirante abordar *A História do Rio de Janeiro pela Música, A História das Danças, A História das Orquestras e Músicos do Brasil*, e até *Um Campeonato Nacional de Calouros*, em tudo diferente dos programas desse gênero.

VOZ 2 – E como os ouvintes e a crítica receberam essas novidades?

NARRADOR – Grandes nomes da intelectualidade nacional reconheceram o valor dessas iniciativas. Como o folclorista Câmara Cascudo, em artigo no jornal A República, em setembro de 1944, registrado em *No Tempo de Almirante*.

TEC – Efeito

Leitor – **“Almirante, a maior patente do rádio, tem o segredo dos programas sugestivos. Tem dado verdadeiros cursos de história artística, folclórica, etnográfica, expondo com graça, documentando-se excelentemente, divulgando com verve, originalidade e boa educação.”**

TEC – Efeito

NARRADOR – E não foi só Câmara Cascudo. Villa-Lobos admirava a qualidade musical de seus programas, e até o pioneiro do Rádio brasileiro, Edgar Roquette Pinto, disse que Almirante *“sem desejar ensinar nada a ninguém, vai ensinando tudo a todo mundo”*.

VOZ 1 – Que bacana!...

NARRADOR – E em um artigo para o jornal Folha Carioca, Rachel de Queirós escreveu, a propósito do Campeonato de Calouros: *“A gente (...) verifica com surpresa que o homem leva seu trabalho a sério (...) que está ali sinceramente empenhado em descobrir artistas para sua estação, animado por um propósito cultural, pedagógico e honesto.”*

VOZ 1 – Então ele ficou muitos anos na Rádio Nacional?

NARRADOR – A história de Almirante na Rádio Nacional teve várias idas e vindas. Da primeira vez ficou de 38 a 42; então foi para a Tupi, mas voltou à Nacional em 44, e saiu em 46: ficou em seguida nove anos na Tupi, retornando à Nacional de 55 a 57, de onde voltou para a Tupi. Nos intervalos entre uma e outra trabalhou na Rádio Record de São Paulo e na Rádio Globo, entre outras.

VOZ 1 – Nossa! E que programas importantes ele fez mais?

NARRADOR – Os ouvintes acompanhavam Almirante onde ele estivesse. Na Tupi marcou época com as produções de *Onde está o poeta?*, *No tempo de Noel Rosa*, e *O Pessoal da Velha Guarda*, que trazia de volta músicos como Pixinguinha, João da Baiana e Donga.

TEC – INTRODUÇÃO LP ALMIRANTE /”Patrão, prenda seu gado”// 1:20/ Saindo

VOZ 1 – E o programa que tratava de assombrações?

VOZ 2 – Incrível ! Fantástico! Extraordinário!

NARRADOR – Começou em 1947 , na Rádio Tupi.

TEC - Trecho do “Incrível!” (1’06”)

NARRADOR –. Em *No tempo de Almirante*, Sérgio Cabral destaca a capacidade do produtor de formar uma espécie de parceria com seus ouvintes.

TEC – Efeito /

Leitor - Ele nunca deixou de pedir aos ouvintes que colaborassem, enviando o material necessário para a feitura dos seus programas. No caso do “Incrível” manteve a preocupação de que os casos enviados tivessem todas as garantias de veracidade, nunca deixando de mencionar nomes verdadeiros, endereços, etc. Até porque ele mandava pagar aos colaboradores que, para receberem, tinham que apresentar os seus documentos de identidade.”

TEC – Efeito

NARRADOR – As emoções desse programa ficaram no ar até o verão de 1958. // No começo da tarde de onze janeiro de 58, Almirante almoçara em casa e pegara emprestado o automóvel da concunhada para ensaiar mais uma audição dessa série.

TEC – CARRO NO TRÂNSITO DO CENTRO /

NARRADOR – Almirante tinha pressão alta, andava muito cansado, e dentro de poucas semanas completaria 50 anos. //E de repente, ao volante. no calor da avenida Rio Branco, sentiu que algo o obrigava a fechar os olhos e...

